

DUAS TRANÇAS E UM PASSO NO MUNDO: UMA INFÂNCIA REMEMORADA

Às vezes tenho um sonho em que me vejo vagando por uma fortaleza histórica. Uma pessoa, talvez um viajante, me acompanha. Tudo parece benigno, mas, à medida que entramos na fortaleza, novas velas se abrem; vejo pessoas agachadas ao redor de uma fogueira, aquecendo as mãos, cozinhando – a fumaça sobe das fogueiras a carvão, e há crianças brincando. No sonho, sei que deveria reconhecer essas pessoas, mas não consigo lembrar quem são. Sei que estou lentamente sendo atraída para algo que me assusta e que, se eu me demorar demais, nunca mais retornarei para a minha vida.

O sonho reapareceu quando tentei escrever um texto em homenagem a André Béteille, meu querido professor e posteriormente colega. Como se eu tivesse voltado a uma daquelas discussões de orientação, algo antes obscuro se esclareceu: esse sonho era uma alegoria da minha infância. Sei que alguns dos eventos que descrevo aconteceram, mas há muitas figuras que simplesmente surgem em minhas memórias para, sem mais desaparecer – figuras espectrais, cuja realidade não posso tocar. Vejam as fotos – elas são desbotadas e misteriosas. Algumas são de papai (esses não são termos de minha preferência, mas foi com eles que cresci) em seu uniforme de oficial subalterno. O cenário muitas vezes não sugere riqueza, mas há uma fotografia em que um grupo está diante do que parece ser um restaurante chique – o do Astoria Hotel. Corresponde às minhas memórias de algo ouvido por acaso. Quando papai morreu, as pessoas

diziam à minha mãe: a despeito das dificuldades vividas, ele deu a você a vida de uma rainha – *bade raj karai*.

Na casa de meu irmão em Nova York está pendurada uma litografia emoldurada na qual a tríade Ram-Sita-Lakshman, com Hanuman curvando-se em devoção, olha para fora da moldura com um gesto de bênção. Em um canto de um cômodo que havia sido dividido em dois em nossa minúscula moradia na localidade de Model Basti, em Delhi, havia uma pequena alcova. Essa foto foi colocada ali com uma *diya* – um lampião de barro aceso todas as noites enquanto papai se curvava diante de suas divindades de devoção. Minha mãe, por outro lado, era uma fiel seguidora de Arya Samaj e não se curvava diante de nenhum ídolo. Ela fazia meus irmãos e eu nos sentarmos à noite para um *havan*, para o qual fazíamos oferendas ao fogo e entoávamos *mantras* sânscritos que recitávamos a partir de um texto-guia. Meu irmão mais velho era ateu, e o outro se sentia atraído por todas as formas de ocultismo que pudesse encontrar. Eu conseguia ser todas essas coisas em diferentes momentos do dia.

A imagem na casa de meu irmão é importante para mim porque em 1956, quando papai dava seu último suspiro, ele pediu que a imagem fosse trazida para si; então, ele cruzou as mãos sobre ela e pediu que fosse posto no chão, para que pudesse morrer sem estar preso a nada. Antes, ele havia pedido que trouxessem uma xícara de chá para o *void ji*¹ que estava cuidando dele – e então ele simplesmente se foi. Por outro lado, minha mãe, que morreu muito depois e nunca havia orado diante de um ídolo, ficava chamando Maharini, a deusa, e dizendo “*jo teri marzi*” – qualquer que seja o seu desejo.

Foram tantas mortes na minha infância... Meus amigos se dividiam segundo o modo como a morte os tocou. Na rua em Model Basti, falávamos sobre morrer em tons um tanto casuais. Aqueles ainda eram tempos em que as pessoas relutavam em ir para o hospital, sinal certo de que alguém iria morrer. Na minha escola, a Lady Irwin School, que eu frequentava porque ganhei uma bolsa de estudos, meus amigos moravam em casas onde parecia que a morte não era convidada a entrar. Exceto por uma amiga que misteriosamente chamava sua mãe de “tia Ji” e me explicou que tanto sua irmã mais velha quanto ela sabiam que tia Ji era sua madrastra. Os irmãos mais novos não sabiam disso, mas de alguma forma adotaram a expressão. Tia Ji era extremamente carinhosa, e minha amiga, Indu, tinha vestidos muito lindos, com bordados delicados, todos feitos em casa. Nunca pensei em perguntar se ela se lembrava de sua mãe. Acho que as crianças sabem muitas coisas sobre a morte e o morrer.

Antes dos dias de Model Basti, porém, parece que não éramos tão pobres. Papai havia sido promovido do posto de oficial subalterno no Exército para o posto

de capitão. Lembro-me vagamente de histórias de suas lutas no Egito e no Sudão. Mas sua carreira militar ficou marcada em mim pelo que eu tinha de fazer – manter postura ereta e a cabeça erguida e olhar para minhas mãos todas as manhãs e dizer: eu sou forte. Naqueles tempos, vivemos por alguns anos, pelo menos, em King Edward’s Mess, e antes disso em Jatog, Mahu e Ambala. As únicas lembranças que tenho desses lugares são uma imagem fugaz – em Jatog, provavelmente com dois anos de idade, lembro-me de ver papai saindo de um pequeno trem – o único passageiro a descer do trem, e consigo vê-lo puxando por um barbante um patinho de madeira da cor branca. Em Mahu, agora com quatro anos, lembro-me de dizer a um professor “Não tenho mamãe em casa, tenho uma *lilavati*”.² E então em Ambala uma clara lembrança do anúncio da morte de Sardar Patel e de um feriado inesperado.



Papai e mamãe em Lahore

Mais tarde, em King Edward’s Mess, em Delhi, adorei o relvado aberto da Porta da Índia e, aos domingos, era levada a All India Radio para participar do programa infantil como parte da audiência ao vivo. Posso até ter recitado um poema alguma vez. Embora não me lembre daqueles dias tanto quanto me lembro de Model Basti, lembro-me de ter estudado no Convento Jesus e Maria por alguns meses e depois ter sido misteriosamente tirada de lá, embora não tivesse feito nada de ruim.



Já em circunstâncias bem mais humildes

Houve um episódio estranho. Papai adoeceu e estávamos indo para Lucnau. O trem parou em Modi Nagar, onde meu *mama ji* (tio) veio nos ver. Lembro-me de que meus pais continuaram para Lucnau, mas eu fiquei para trás com *mama ji*. Sempre pensei que havia sido por minha insistência que tinham me deixado ali, mas minha mente adulta me diz que isso poderia ter sido planejado dessa forma, porque talvez fosse difícil cuidar de mim em Lucnau. De qualquer forma, morei com minha tia, meu tio e meus primos no vilarejo de Mohi-ud-din Pur por talvez três meses, talvez seis. Eu tomava o trem para Modi Nagar com meus primos todas as manhãs e frequentava algum tipo de escola lá. Só lembro que não usávamos cadernos naquela escola. Todo mundo escrevia em um *patti* branco. Por alguma razão, eu era capaz de falar inglês (aprendi no Jesus e Maria ou já sabia falar inglês?) E isso fez com que os professores expressassem certo temor – tornei-me uma espécie de espetáculo para quem visitasse a escola. Mas naqueles três ou seis meses a figura que ganhou vulto em minha mente foi a de um certo sr. Chatterji, que lecionava na escola da aldeia e estava muito interessado nas crianças de lá. Ele nos ensinou, por exemplo, que o gás subia e a água descia, fazendo-nos encher balões coloridos com água e gás e depois mostrando que o gás poderia fazer com que os balões subissem. Para um professor de aldeia, ele parecia ter muitos livros e amava a poesia inglesa. Lembro-me disso porque eu era a única criança que sabia ler em inglês, e ele me emprestou livros sobre os quais me debrucei à luz do lampião, já que a aldeia não tinha eletricidade. Ele também me ensinou como recitar poemas com dicção e expressão adequadas.

E então eu retornei não para King Edward's Mess, mas para uma casa em Model Basti. Dois eventos se destacam. Um foi que papai me deu um exemplar do *Ramcharitmanas*. Pela dedicatória, sei que tinha nove anos. Fiquei encantada com a cadência dos *chands* e dos *chaupais*.³ Memorizei grandes trechos do texto e podia recitar versos como “*vo van nikat dashanan aayo*”. Eu estava fascinada não apenas pelo texto, mas por sua capacidade de fazer profecias, porque todos os dias eu abria o texto em uma página aleatória e a partir da quadra em que meu dedo caísse eu previa o que iria acontecer. Antes, papai havia descoberto algo sobre uma bolsa de estudos para admissão em escolas públicas. Havia uma expectativa de que eu conseguisse uma vaga na Escola Moderna. Passei no exame escrito. Um vestido novo, bem elegante, foi costurado para que eu o usasse na entrevista. Infelizmente, confundi na prova a terra girando em torno do Sol com a terra girando em torno de seu próprio eixo. Fim da bolsa – fim de uma vida na escola pública. Mas, felizmente, passei no teste para bolsa de estudos na Lady Irwin School e lá descobri o teatro, a dança Manipuri e a literatura hindi.

Várias famílias alugavam um ou dois quartos em casas de Model Basti. Na casa em que morávamos, cinco famílias dividiam o banheiro que ficava perto da porta de saída para a *gali*.⁴ O banheiro era improvisado, com telhado de zinco. Meu irmão mais velho não morava lá porque estava fazendo faculdade de medicina em Bombaim. Papai estava doente, com doença cardíaca crônica e problemas renais. Meu segundo irmão abandonou a escola ou faculdade que cursava – ele nunca foi capaz de me informar o quanto frequentou os estudos, e suspeito que fosse disléxico. A vida estava fadada a ser difícil, sem nenhuma renda. Porém, o irmão que não havia concluído os estudos revelou grande talento social e, assim, tornou-se fotógrafo da sociedade. Ele se recusava a usar o banheiro de casa, mas parecia estar constantemente em restaurantes e hotéis fotografando eventos sociais importantes e tomando um banho rápido nesses lugares. Pelo menos essa é minha reconstrução do que estava acontecendo. Na minha família ninguém dizia nada a ninguém. Você pescava as coisas durante as brigas, ou quando os adultos pensavam que você estava dormindo.

De qualquer modo, éramos realmente pobres, e às vezes tudo o que tínhamos para comer eram *chapatis* e uma mistura de cebolas, pimentões verdes e tomates. Mas, de alguma forma, não me lembro daqueles dias com tanta dureza. Em vez disso, lembro-me dos *prabhat pheris*, grupos de homens andando pela *gali* entoando as canções favoritas de Gandhi: “*utha jag musafir bhor bahie, ab rainkahan jo sovat hai*” e “*vashnav jan to tene kahiye*” – “Levante-se, ó viajante, já nasce o dia, é finda a noite em que se dorme”; e “Eles são os *vaixnavs*⁵ que conhecem a dor dos outros”. No entanto, eles não eram gandhianos; penso que eram membros da Organização Nacional Voluntária (RSS).⁶ Também me lembro

de como a rua era animada. À tarde, as mulheres levavam para fora os *charpais*, onde descascavam vegetais, tricotavam, bordavam, fofocavam. Ocasionalmente, quando alguém tinha dinheiro, paravam um vendedor ambulante e compravam rabanetes para todos ou *gol gappas* ou *kulfi*. Grupos de meninas pulavam corda ou brincavam de amarelinha e outros jogos desenhados no chão ou jogavam *gittas* – cinco pedras a serem recolhidas de uma vez enquanto uma pedra era lançada no ar. Durante o festival *teej*, celebrando a monção e o retorno das filhas casadas à casa dos pais, pendurávamos balanços – duas tábuas de madeira amarradas em níveis diferentes, nas quais duas meninas ou moças se sentavam e balançavam enquanto todo mundo cantava canções *teej*. Havia desenhos elaborados de *mehandi* (henna) para usar, e as roupas eram tingidas de amarelo.

À noite, os *charpais* eram colocados em uma fileira, e enquanto as meninas eram postas para dormir “dentro”, cercadas por esteiras de pais ou irmãos, elas ainda podiam sentar-se todas juntas até ser chamadas, para não incomodar os outros. A música flutuava nas vozes das mulheres cantando na casa de alguém ou em um terraço. *Tappas*, *swang* e canções de filmes antigos. Noites escuras iluminadas pelas estrelas.

Parece que às vezes não havia dinheiro em casa e outras vezes aparecia de algum lugar. Quando havia dinheiro, podia-se beber leite de uma loja de um *halwai* que também havia migrado de Lahore e sabia engrossar o leite, e o misturava com tâmaras e ameixas secas.

Na escola, a vida era completamente diferente. De alguma forma, eu sabia que nunca poderia convidar amigos para ir a minha casa e, portanto, sempre me desculpava sobre a razão de não poder aceitar convites para aniversários em suas casas. Provavelmente outros também escondiam a situação em que viviam. Mas, enquanto estávamos na escola, a igualdade era absoluta. Na escola primária em Delhi, quando eu provavelmente estava na terceira série, fomos selecionados para apresentar uma espécie de teatro de rua em Rashtrapati Bhawan na presença de Rajendra Prasad, o então presidente da Índia. Todos representaríamos fantoches, e tínhamos de fazer movimentos semelhantes aos dos bonecos. O episódio selecionado foi o “Swayamvara”, de Ram e Sita. Fui escolhida para fazer o papel de Sita, e esse era um papel muito cobiçado, porque era preciso se vestir bem e ficar bonita. Para mim, houve um grande problema: me pediram para trazer um *sári* com bordado de ouro. Mamãe disse que não tinha, mas a situação foi contornada por uma vizinha que era viúva e tinha um baú cheio de *sáris* com todos os tipos de *gota* e *tilla* – bordas de ouro, borlas e flores. Ela carinhosamente me emprestou um. A história não teve um final muito feliz. Mais tarde (cerca de seis meses depois), ela deu a entender que sabia que meu irmão estava estudando medicina em Bombaim e pensou que um casamento entre ele e sua filha seria um bom enlace, mas se descobriu que

meu irmão “fotógrafo de sociedade” já estava tendo um caso com sua filha, e a mãe o desaprovava totalmente. Depois de muita confusão, todas as relações entre a família dela e a nossa foram rompidas. Por fim, eu tinha um lindo sári roxo – mas então todo o meu papel se limitava a enfeitar a garota que fazia o papel de Ram. O papel de que eu mais gostava era o de Lakshman, em que ele (ela) tinha de brandir o punho na assembleia e fazer um discurso inflamado. Anos depois, eu estava tentando fazer uma transação em um banco e de repente vi uma mulher que me pareceu extremamente familiar, e eu deixei escapar: “Você era Lakshman na Lady Irwin School!”, e de fato era ela. No entanto, ela disse que tinha inveja de mim porque o presidente havia me oferecido um doce. De repente, me lembrei de que ela havia dito então que eu só tinha conseguido o papel porque eu tinha a pele clara, e ela era morena. Apesar dessa crítica contundente às minhas habilidades como atriz, minha carreira no teatro ainda não havia acabado.

Havia dois tipos de eventos públicos no ensino médio pelos quais todas nós aguardávamos. Um deles era a competição de recitação organizada pela Missão Ramakrishna na Panchkuian Road todos os anos. Tínhamos que decorar os discursos de Swami Vivekananda e recitá-los no gramado da missão. Os discursos estavam em hindi, bengali e inglês e eu tentava competir nos três. (Embora eu tendesse ao hindi, eu tinha aprendido bengali o suficiente na escola para ser capaz de memorizar discursos) A passagem de que me lembro particularmente bem era: “Necessitamos hoje sobretudo de músculos de ferro e nervos de aço” – o que era para ser dito heroicamente, cabeça erguida, com voz de aço. Devo dizer que com as orientações ministradas pelo meu professor, ganhei muitos prêmios todos os anos. Mais tarde, quando entrei na faculdade aos 16 anos, minha percepção de mim mesma como debatedora me foi muito útil. Ela me ajudou a me aproximar de N.K. Singh e J. Krishnamurthy, que eram debatedores conhecidos na Universidade de Delhi e me aceitaram porque eu era bastante útil na elaboração de todo o tipo de piada e brincadeira contra o Indraprastha College. Mas a essa altura eu já havia cruzado o limiar da infância.

O segundo evento público era um festival anual de variedades organizado para os pais. Por alguma razão, nosso currículo de história era fortemente voltado para eventos da história britânica. Então, certo ano, a peça que apresentamos tinha a ver com a rainha Maria de Escócia, e eu fui escolhida para esse papel. Agora a questão era que precisávamos decorar uma tonelada de datas, nomes de lugares e referências absolutamente descontextualizadas à Guerra das Rosas e às Rosas Brancas e Vermelhas e a como a rainha Elizabeth, a Virgem, se casou com toda a Inglaterra. Eu deveria interpretar Maria, mas não sabia o que diabos as referências à conspiração católica significavam, e embora a tragédia de minha execução me fizesse derramar lágrimas reais, tudo isso

era representado em um cenário esotérico. Minhas tentativas de obter algum tipo de explicação de papai resultavam em “tudo ficará claro mais tarde, quando você crescer”. Mas eu me lembro dele então e de como ele ficou orgulhoso do meu desempenho.

Enquanto isso, a vida de Model Basti continuava. Tive duas grandes brigas com mamãe. Um era sobre uma capa de chuva que eu queria. Custava doze rúpias e era uma capa de chuva verde da marca Duckback. Hoje eu sei que papai já estava terrivelmente doente e que um médico o havia examinado. Sei que ele disse a mamãe que não havia esperança. A barriga de papai inchava, enchia-se de água e a cada dez dias o *vaid ji* costumava vir com uma seringa enorme para com ela drenar aquele líquido. Não consigo entender por que fui tão teimosa com a capa de chuva. Chorei dias e dias e no fim me compraram a capa de chuva, mas paguei um preço altíssimo no olhar de desprezo que recebi de mamãe.

O segundo bem mais valioso que ganhei depois de muita luta foi uma bicicleta. Depois da morte de papai, mamãe tentou conquistar alguma estabilidade financeira começando um trabalho de meio período como merendeira na escola, no qual tinha a ajuda de meu irmão do meio, cuja carreira como fotógrafo da sociedade havia chegado a um triste fim. Eu tinha então 11 anos, acho, e a perspectiva de poder ir para a escola de bicicleta, em vez do ônibus escolar, era maravilhosa. Também pensei que economizaria algum dinheiro. Mamãe se opôs, como de costume, mas com a ajuda de meu irmão mais velho consegui minha bicicleta. Foi também nessa época que descobri a Biblioteca Pública de Delhi. Recrutei um de meus primos mais velhos – por razões complicadas de política familiar, mamãe não foi capaz de dizer um não direto a ele quando ele perguntou se podíamos ir de bicicleta até a estação para visitar a biblioteca que ficava em frente. Então, eu poderia visitar a biblioteca e ler livros lá, mas para conseguir pegar os livros emprestados, eu precisava de um depósito em dinheiro ou de uma assinatura do comissário municipal da minha área. Eu consegui a assinatura dele. Que aventura!

Terei de recuar um pouco e voltar ao tempo em que papai ainda não estava confinado à cama e tínhamos acabado de nos mudar para Model Basti. Não sei por quais conexões, mas papai tinha alguma amizade com Rai Sahib Jyoti Prasad Jain, que morava em uma casa grande em Model Basti. (Seus filhos mais tarde se tornariam os magnatas do aço, e acho que Surendra Jain, que mais tarde foi implicado no enorme escândalo de suborno durante o mandato de Narasimha Rao, era seu filho.) Na verdade, parecia que uma das razões pelas quais papai havia se mudado para essa casa modesta em Model Basti era algum tipo de promessa do influente Rai Sahib de que ele seria capaz de conseguir uma casa em um programa de troca de evacuados no lugar da casa que eles tinham deixado para trás em Lahore. Quando estava morrendo, papai se sentia extremamente traído, mas essa era uma história posterior. Na época em que

nos mudamos para Model Basti, Rai Bahadur Sahib estava se candidatando às eleições, e mamãe, que tinha uma presença muito digna, formou um grupo de mulheres para fazer propaganda de casa em casa. Então, eu acompanhava as mulheres quando não havia escola e fui cativada pela ideia da política. Os eventos mais incríveis eram as reuniões públicas noturnas em que cantores e poetas locais recitavam o tipo de poesia política que as pessoas em bairros desse tipo podem compor a qualquer momento. Eu também organizei um grupo de crianças em que nos maquiávamos com pó e batom e fazíamos o que pensávamos ser sátiras políticas intercaladas com o tipo de canções que havíamos aprendido nos *sangeets* das mulheres,⁷ cantadas durante a temporada de casamentos. Em uma ocasião, fui colocada diante do microfone e fiz um discurso sobre a situação dos pobres. De qualquer forma, quando Rai Bahadur ganhou a eleição, senti um brilho de orgulho.

Então, quando consegui minha bicicleta e permissão para ir à biblioteca com meu primo, fiquei desesperada para conseguir o dinheiro para um depósito ou a assinatura do Rai Bahadur para poder pegar livros emprestados. Não era provável que eu recebesse dinheiro e achei que, se pedisse à mamãe que me ajudasse a conseguir a assinatura necessária, receberia um não firme e até mesmo uma advertência para não incomodar o grande homem. Portanto, não perguntei, mas fiquei na fila na sala de espera, onde vários clientes esperavam para apresentar seus pleitos. Quando chegou minha vez, ele ficou surpreso ao me ver e perguntou por que eu tinha que vir com os outros peticionários, por que não havia ido direto a sua casa? Disse com alguma dignidade que havia trabalhado em sua campanha eleitoral e achava que tinha o direito de obter sua assinatura. Ele assinou o cartão de garantia e eu conquistei o direito a pegar livros emprestados!

Nossa vida em Model Basti não se sustentaria por muito mais tempo e nos mudamos para a casa de meu *mama ji* em Kamla Nagar. Eles haviam se mudado de Mohi ui-din Pur para Delhi. Tinham quatro filhos – havia apenas dois quartos, mas fiquei maravilhada com a generosidade deles. Claro que mamãe sentia alguma restrição – então ela sempre tentava me convencer a fazer *chapatis*, ou ajudar a acender a *chulah*, ou ajudar na limpeza. Às vezes eu sentia a injustiça da vida depois de um dia cansativo na escola e a exigência de que eu tinha que fazer outro tipo de trabalho em casa. Mas, no geral, essa foi a época, dos 12 aos 14 anos, em que a Biblioteca Pública de Delhi e minha bicicleta se tornaram os verdadeiros centros de minha vida. Eu li livros improváveis, como *Coração impaciente*, de Stefan Zweig. Encontrei livros de poesia em urdu na escrita devnagri e me apaixonei por Firaq e Faiz e um pouco por Sahir. A biblioteca tinha um clube literário que se reunia à noite e tinha concursos de recitação e concursos de poesia e concursos de escrita de contos. Eu ouvi Firaq uma vez e

alguém cujas histórias eu achei absolutamente deslumbrantes. Pode ter sido Krishna Baldev Vaid, mas não tenho certeza se não estou misturando minhas memórias. Eu posso ter colocado minhas experiências posteriores com a escrita de Vaid Sahib em alguma figura que eu encontrei ocasionalmente no clube literário e agora confundo com Vaid Sahib. Eu descobri que os romancistas Rajendra Yadav e Mannu Bhandari viviam em Shakti Nagar. Eu ficava do lado de fora de suas casas com a esperança de vê-los nem que por um instante. Até escrevi um conto em hindi que ganhou um prêmio. Tomei coragem de enviá-lo a uma revista literária. O conto foi rejeitado com o seguinte comentário “*bahut bachpana hai kahani mein*” – a história é muito infantil. Foi no clube literário que também conheci o sr. Seth.

O sr. Seth era membro do Partido Comunista. Ele dava aulas de acompanhamento em uma instituição em Kamla Nagar, provavelmente o Navjyot Tutorial College. Ele preparava os alunos para o exame admissional da Universidade de Punjab e também oferecia aulas para os alunos mais fracos. Antes de conhecer o sr. Seth, meu patriotismo era expresso em marchas no Desfile do Dia da República todos os anos e cantando canções patrióticas. Posteriormente, eu ganhei até um prêmio nacional para crianças em reconhecimento ao trabalho que fiz como escoteira em uma aldeia. Mas o sr. Seth me deu muitos panfletos escritos por ele que abalaram minha fé em nossa nação. Fui realmente arrebatada pela força retórica. A maioria desses panfletos, pelo que me lembro, questionava a afirmação de que Gandhi nos deu a liberdade. Lembro-me de uma frase:

vo kehte hain Gandhi ke satyagraha se Hindustan ko azadi mili aur é ladai mein ek katra bhi khun nahin bahaya gaya – hum puchte hain ke jo khun baha batware mein ou angrozon ki bandukon se aur khane shahidon se jo khane phan shahidon khidhan bahaya gaya se wo kya khun nahin tha

Dizem que a Índia obteve sua independência através da *satyagraha* de Gandhi e que nem uma gota de sangue foi derramada nessa luta – perguntamos, o sangue que foi derramado durante a Partição e pelas armas dos britânicos e o sangue que foi derramado quando os mártires foram enforcados não foi sangue?

Fiquei tão entusiasmada com o sr. Seth que queria desistir de meus estudos na Lady Irwin e, de alguma forma, concluir a décima série no Navyug Tutorial College e me unir à “revolução vermelha” do sr. Seth. A essa altura, mamãe, que estava ficando cada vez mais assustada com meu temperamento e sentindo que estava perdendo o controle sobre mim, disse que entraria em um jejum sem data para acabar se eu visse o sr. Seth mais uma vez. Meus dias de biblioteca teriam terminado junto com minha ambição de entrar para a revolução vermelha, se não fosse por meu irmão.

Até agora, falei sobre meu irmão mais velho, que tinha 17 anos mais do que eu e estava ausente na maior parte do tempo, como uma presença à sombra, mas era ele a âncora sólida de minha vida. Não sei como esse amor se desenvolveu entre nós, mas ele sempre me deu a sensação de que tudo no mundo ia ser bom para mim. Depois de concluir a faculdade de medicina, ele trabalhou como cirurgião da casa (uma designação para o que seria agora médico residente) na ala pediátrica do Hospital Safdarjung. Ele vivia no alojamento ali, e eu às vezes o visitava lá de bicicleta nos fins de semana, quando íamos ao terraço e observávamos os aviões decolando do aeroporto de Safdarjung nas proximidades. Eu podia falar qualquer coisa com ele, mas ele também poderia ficar repentinamente com raiva. Certa vez, eu estava repetindo uma fofoca que tinha ouvido e disse, com bastante arrogância, que nunca faria algo daquele tipo. Ouvi uma resposta contundente: “Não julgue as pessoas – nessas circunstâncias, você não sabe o que pode ser capaz de fazer”. Em outra ocasião, quando eu comecei a usar óculos e fiquei chateada por me achar horrível com eles, ele disse: “Você tem que decidir, você quer ser o tipo de pessoa que é olhada pelos outros ou que olha para o mundo?” Tinha a sensação de que ele nunca se sentia à vontade com ninguém em casa, mas com seus pacientes era uma pessoa diferente. Na época em que nos mudamos para Kamla Nagar, ele partiu para Bhilai, onde conseguiu um emprego no hospital local. Mamãe foi se mudando aos poucos para lá, e eu ia passar o verão na casa dele. Certa vez, dirigimos quilômetros e quilômetros até um vilarejo porque um de seus pacientes estava morrendo, e ele não queria dar a notícia para a esposa quando ela estava sozinha no hospital – ele queria que ela estivesse cercada pela família.



Eu não sei como esse amor cresceu entre nós

Em minhas lutas eternas com mamãe (eu tinha que ser como a Suma ou a Sudha ou a Sumita da casa ao lado, que eram garotas lindas e obedientes – eu devia ter em mente estudar disciplinas domésticas se fosse o caso de ir para a faculdade – eu amargaria por toda a minha vida por meu caráter rebelde), foi a lenta autoridade que Dev Bhaiya (meu irmão mais velho) conquistou que foi decisiva para que eu pudesse estudar em Delhi. Quando ele tirou a própria vida, eu tinha 21 anos e por muitos anos me senti como uma casa em que todas as luzes haviam sido apagadas, uma por uma.

No entanto, também sei da injustiça de minhas memórias em relação à minha mãe. Por exemplo, é difícil para mim descobrir por que causei tanta preocupação aos meus pais (exceto meu irmão), pois estava indo bem nos meus estudos e, vendo fotos antigas, me vejo com um grupo de crianças escolhidas por sua excelência como guias ou escoteiras para ser apresentadas ao primeiro-ministro e ao presidente. No entanto, uma carta de um primo para minha mamãe que encontrei recentemente diz: “Você deve perceber que o que está em jogo é toda a vida de Veena. Ela é teimosa e se recusa a ouvir quem quer que seja. Por mais brilhante que ela possa ser em seus estudos, no exame de vida ela será um imenso fracasso, pois tudo o que ela faz é ler.” Pela carta, deduzo também que essas reclamações foram enviadas ao meu irmão mais velho, mas ele nem se deu ao trabalho de as reconhecer.

Com uma história dessas, o que mais eu poderia ter me tornado senão a mãe de três grandes filhos, casada com um homem que, ao meu lado, lentamente me trouxe de volta à vida; e o que mais, senão uma antropóloga?

Veena Das é, desde 2000, Krieger-Eisenhower Professor of Anthropology na Universidade Johns Hopkins. Antes lecionou na Delhi School of Economics por mais de 30 anos, tendo atuado também na New School for Social Research entre 1997 e 2000. É membro da American Academy of Arts and Sciences e da Academy of Scientists from Developing Countries. Entre suas muitas publicações estão *Textures of the ordinary*; *Life and words: violence and the descent into the ordinary*, publicado no Brasil como *Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário*; e *Affliction: health, disease, poverty*.

NOTAS

- 1 *Vaid ji* era o termo que aplicávamos a ele porque ele tinha algum tipo de treinamento em ayurveda, mas, como muitos desses práticos, ele também preparava medicamentos alopáticos e injeções.
- 2 *Lilavati* significa graciosa em hindi. [N. T.]
- 3 *Chand*, palavra que remonta ao sânscrito, significa “metro/métrica”. *Chaupais*: estrofes de quatro versos de quatro sílabas cada, produzidas especialmente na poesia medieval hindi. Tulsidas, autor do *Ramcharitmanas*, é lembrado por esse tipo de composição. [N. T.]
- 4 Rua. [N. T.]
- 5 Referência a uma tradição hinduísta, o vixnuísmo, que confere ao deus Vixnu o lugar supremo. [N. T.]
- 6 Grupo paramilitar de extrema-direita ligado ao nacionalismo hindu, fundado em 1925. Foram banidos pelo Império britânico e três vezes pelo governo indiano pós-independência. A violência praticada pelo nacionalismo hindu deixou, entre outras vítimas, Mahatma Gandhi. [N. T.]
- 7 Festividade de cunho não religioso que pertence ao conjunto de atividades pré-nupciais. Originalmente, era restrita a mulheres de ambas as partes do casal. Nela, o canto e a dança têm papel fundamental. [N. T.]

Tradução: Bruno Gambarotto

Revisão: Letícia Ferreira

Agradecimentos a Camila Pierobon pelo cuidado para disponibilização das fotografias do acervo pessoal de Veena Das.

Originalmente publicado em:

Das, Veena. (2009). Two plaits and a step in the world: a childhood remembered. In: Karlekar, Malavika; Mookerjee, Rugarshu (eds.) *Remembered childhood: essays in honour of André Béteille*. Delhi: Oxford University Press, p. 196-209.